

(Continuação da página 1)

Desbravador no ensino da cultura indígena

O interesse pela língua de seu povo, o kaingang, e a vontade e facilidade em transmitir conhecimentos foram elementos fundamentais para que Selvino Kókáj Amaral escolhesse a profissão de professor, que exerce desde o ano 2000.

O professor Selvino Kókáj Amaral, da etnia kaingang, é o primeiro falante nativo a dar aulas do idioma em uma universidade

Agora, aos 44 anos, ele desbrava um novo caminho, pois se tornou o primeiro indígena, em 50 anos de história da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, a ser contratado para dar aulas na instituição. Amaral ingressou por meio do Programa Professor Especialista Visitante em Graduação, da Pró-Reitoria de Graduação (PRG), e é um dos responsáveis pelas disciplinas Línguas Indígenas I, Tópicos de Línguas Indígenas e Língua Kaingang, oferecidas no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) neste semestre.

“Gosto muito de disseminar a nossa cultura e de refletir e trabalhar com a língua. Esse novo trabalho, na **Unicamp**, me traz uma realização a mais, porque apresenta desafios novos, além da oportunidade de pôr em prática o que tenho aprendido e realizar novas pesquisas”, diz o kaingang da comunidade de Guarita, localizada no noroeste do Rio Grande do Sul.

Iniciativas – A etnia de Amaral, de grande concentração na Região Sul do País, é a terceira com maior



Amaral: “Disseminar a nossa cultura, e refletir e trabalhar com a língua”

população no Brasil. Apesar disso, ele relata ter deparado com uma pequena presença de professores indígenas e falantes do idioma nativo nas escolas das aldeias do seu povo, o que o motivou a querer se dedicar ao ensino.

“Falo o idioma indígena em casa desde pequeno e queria que todos tivessem acesso a ele e à nossa cultura”, lembra o professor, que aprendeu português apenas aos 12 anos de idade. O kaingang realizou, então, um curso de formação de professores para o magistério, ministrado pelo docente da **Unicamp** e especialista em idiomas indígenas Wilmar D’Angelis, e passou a lecionar para o ensino fundamental em escolas estaduais do Rio Grande do Sul.

“O Selvino foi um dos melhores alunos do curso e produzia materiais bem-elaborados para crianças. Ele se destacou pela qualidade, intuição, inteligência”, lembra o linguista da **Unicamp** que, desde aquela época, tornou-se também seu companheiro de trabalho. Isso porque, logo depois que se conheceram, eles começaram a desenvolver em conjunto oficinas e outras iniciativas para a disseminação do kaingang.

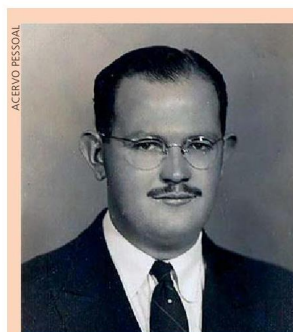
“As crianças ficam felizes em ter a sua língua nativa na escola, onde, por incrível que pareça, ela faz parte do currículo como língua estrangeira. Na universidade, os estudantes também têm tido um bom aproveitamento do que posso compartilhar com eles. A minha fala no idioma indígena permite que façam comparações, é muito produtivo”, destaca Amaral.

Gramática – O docente D’Angelis, incentivador da contratação de Amaral na Universidade, é criador do grupo de pesquisa **Indiomas – Conhecimento de Línguas Indígenas e Línguas de Sinais na relação Universidade & Sociedade**, o qual desenvolve uma série de projetos para a disseminação das línguas indígenas.

Um deles, o Projeto Web Indígena, tem a participação do professor por meio da parceria com a ONG Kamuri – Indigenismo, Ação Ambiental, Cultura e Educação, da qual ele é membro. Desde 2008, Amaral gere a página **Kanhgág Jógo** (www.kanhgag.org), site integrante do projeto e o primeiro do País totalmente em língua indígena.

Ele colabora ainda com o projeto de revitalização linguística do Kaingang Paulista, realizado em parceria com a Coordenação-Geral de Promoção à Cidadania da Funai (Coordenação Regional Litoral Sudeste – CR-Lise), e está preparando uma gramática pedagógica no idioma para ser utilizada por professores dos ensinos fundamental e médio e até na Universidade. “É um trabalho que exige muita preparação, pesquisa e atenção, além de financiamento. Não sabemos quanto tempo ainda deve levar para ficar pronto”, avisa o professor kaingang.

Simone de Marco
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial



Salomão Becker, criador da homenagem

Em uma pequena escola na Rua Augusta, 1.520, o Ginásio Caetano de Campos, conhecido como Caetaninho, em 1947, o docente Salomão Becker sugeriu que o encontro dos professores, para um recesso durante o período letivo, se desse no dia 15 de outubro, data em que na sua cidade natal, Piracicaba, professores e alunos traziam doces de casa para uma pequena confraternização. Com os seus colegas, Alfredo Gomes, Antônio Pereira e Claudino Busko, a ideia foi lançada, para depois crescer e espalhar-se por todo o Brasil.

A celebração espalhou-se pela cidade e pelo País nos anos seguintes, até ser oficializada nacionalmente como feriado escolar pelo Decreto federal nº 52.682, de 14 de outubro de 1963. O decreto definia a essência e razão do feriado: “Para comemorar condignamente o Dia do Professor, os estabelecimentos de ensino farão promover solenidades, em que se enalteça a função do mestre na sociedade moderna, fazendo participar os alunos e as famílias”.

Vocação – Filho do imigrante David Becker, que, em 1913, deixou a Moldávia, no Leste Europeu, rumo ao Brasil, instalando-se em Piracicaba, onde Salomão nasceu e passou boa parte da juventude, até decidir estudar Filosofia na Universidade de São Paulo (USP).

Depois de uma passagem pelo jornal *Folha da Tarde*, Becker começou a dar aulas em vários colégios da rede estadual paulista.

Nem a aposentadoria o fez parar. Com mais de 60 anos de idade prestou vestibular e cursou Direito na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Salomão Becker faleceu aos 84 anos de idade, em 2006.

Usando o hip hop para entender as desigualdades sociais

O professor Wilson Borges acredita que a realidade social somente pode ser modificada por meio da educação. Em parceria com o seu colega de profissão e de escola Renato Calado, montou um projeto sobre Hip Hop na Escola Estadual Vicente Rao, no bairro Cidade Ademar, zona sul da capital paulista. Mais do que estudar a estética e a história do movimento, o projeto tem como intuito despertar a cidadania dos alunos. “Eles precisam entender que são agentes de transformação e podem mudar o próprio rumo da sua história e da sociedade onde vivem”, salienta.

Formado em História pela Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), Borges, de 35 anos de idade, é um entusiasta da profissão. “Quando falei que iria lecionar, meus familiares perguntaram se eu tinha certeza disso. Hoje, descobri que posso fazer a diferença”, afirma.

O projeto Hip Hop trabalha com eixos temáticos nas aulas de História e Artes. “Os temas abordados, a partir da realidade dos alunos, são discutidos como parte da grade curricular para os alunos do 9º ano do ensino fundamental. A partir do contexto histórico, debatemos a situação do hip hop no Brasil e nos Estados Unidos. Do ponto de vista artís-



EE Vicente Rao – Debate sobre realidade dos alunos nas aulas de História e Artes

tico, o professor Renato Calado apresenta a estética do movimento. Os trabalhos tiveram início em agosto e o resultado do trabalho será transformado em um mural que será entregue no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra)”, explica.

Querendo mais – Morador da zona central da capital, Borges leciona nos períodos vespertino e noturno na EE Vicente Rao. “Lecciono para 600 alunos. É preciso

bastante disposição para compreender e ajudar esses jovens”, acredita. O professor, no entanto, quer mais. “Pretendo começar meu mestrado no próximo ano, sempre tendo como linha de pesquisa a educação.” Após concluir o mestrado, Borges pretende dar início a uma nova fase na sua vida: ensinar em uma universidade.

Maria Lúcia Zanelli
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial